



ISSN 1982-3630

SBE

Antropoespeleologia

Boletim Eletrônico da
Seção de História da Espeleologia da SBE

Ano 3 - Nº 36 - 15/09/2010

ESCAVAÇÕES NO PIAUÍ PODEM REVELAR HIATO DA OCUPAÇÃO HUMANA NAS AMÉRICAS

A arqueóloga e professora da UFMG Maria Jacqueline Rodet e a mestranda Deborah Duarte analisam material proveniente de Buritizeiro, Sepultamentos descobertos no Parque Nacional da Serra das Confusões (PI) podem reforçar a busca por respostas para um hiato que marca as pesquisas sobre a ocupação humana nas Américas.

Há décadas, antropólogos se perguntam como teria ocorrido a suposta substituição de uma população pré-histórica por outra no continente. A tese surgiu com os estudos do crânio de Luzia, descoberto nos anos 1970 e considerado como sendo da primeira brasileira, além de o primeiro fóssil humano das Américas.

A jovem mulher, que viveu há aproximadamente 11 mil anos na região cárstica (tipo de relevo caracterizado pela corrosão de rochas) de Lagoa Santa (MG), tinha feições negroides e era, provavelmente, descendente da primeira migração da Ásia, com características distintas dos índios modernos.

Equipes da Fundação Museu do Homem Americano (Fumdhm) empreenderam prospecções em 2008 e 2009, que resultaram no cadastro de 110 sítios arqueológicos. Em dois deles - Toca do Enoque e Toca do Alto da Serra do Capim -, escavações revelaram esqueletos de adultos e crianças e fragmentos de ossos humanos queimados.

A importância da descoberta está nas primeiras datações, obtidas recentemente: entre cerca de 5 mil e 8 mil anos atrás. É justamente durante essa faixa cronológica que os pesquisadores acreditam que uma população com as características mongoloides dos povos indígenas brasileiros passou a habitar o continente.

Os estudos mais avançados nessa direção estão sendo coordenados por professores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) a partir de esqueletos encontrados no sítio Caixa D'Água, em Buritizeiro, no norte do Estado. Descoberto no início dos anos 1980, o sítio teve a exploração encerrada em 2007. De lá foram retirados 45 esqueletos adulto e encaminhados para o Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos da Universidade de São Paulo (LEEH/USP), responsável por indicar as características morfológicas desses antigos americanos.

"Quase não há esqueletos conhecidos no Brasil nessa faixa (entre 5 mil e 8 mil anos atrás). Existem esqueletos muito mais antigos, que são aqueles da Lagoa Santa, geralmente entre 8 mil e 10 mil anos, com uma morfologia diferente dos índios atuais", observou o arqueólogo francês André Prous, uma autoridade no assunto. No início dos anos 70, Prous integrou a Missão Franco-Brasileira que desenterrou na Lapa Vermelha, na cidade de Pedro Leopoldo (MG), o crânio de Luzia. "Buritizeiro e a Serra das Confusões estão preenchendo esse vazio."

A arqueóloga Gisele Daltrini Felice, uma das responsáveis pelas descobertas no sudoeste do Piauí, ressalta que serão realizados os estudos específicos de antropologia física em todos os esqueletos humanos encontrados. Análises de DNA estão sendo realizadas na França para a verificação da existência entre relações de parentesco dos diversos indivíduos encontrados.

Os recentes trabalhos arqueológicos fazem parte de uma extensão do projeto Origem e Evolução Migratória dos Primeiros Grupos Humanos na região, antes concentrado no Parque Nacional da Serra da Capivara. Nesse parque, na Toca dos Coqueiros, foi localizado um esqueleto com as mesmas características físicas de Luzia, datado entre 9 mil e 11 mil anos atrás.

"A importância dos achados está na possibilidade de verificação do tipo físico, além de se obter dados sobre diferentes rituais funerários tanto para um mesmo grupo como para identificar diferentes núcleos que ocuparam as Serras da Capivara e das Confusões", disse Gisele. "O interessante é que na Serra das Confusões o tipo de enterramento é muito diferente do que a gente tinha encontrado até agora."

São Francisco. Os trabalhos, sob a coordenação de Niède Guidon - outra autoridade em pré-história sul-americana -, projetam uma fronteira de pesquisas na Região Nordeste do País. A partir do sítio de Buritizeiro, os cientistas esperam consolidar nos próximos anos um conjunto de importantes informações a respeito da evolução do homem pré-histórico no chamado Brasil Central (região do Cerrado, que compreende o centro-norte de Minas, o sudoeste baiano, Tocantins e Goiás) e no povoamento do Vale do Rio São Francisco durante o período médio do holoceno (época geológica que começou há cerca de 11 mil anos e se estende até hoje). Trabalhos interdisciplinares pretendem reconstruir não só as características físicas, mas o ambiente, os costumes, as técnicas e o cenário onde vivia o Homem de Buritizeiro - como já foram apelidados os esqueletos encontrados na cidade mineira, apesar de os pesquisadores torcerem o nariz para a denominação.

Vestígios encontrados nas sepulturas indicam que essa população, que provavelmente vivia acampada à margem do São Francisco, já dominava rústicas técnicas de processamento de alimentos. Nos sepultamentos, as ossadas estavam acompanhadas de materiais líticos (rochas lascadas ou polidas) e pontas feitas de ossos de mamíferos. A suspeita dos cientistas é que, além de caçadores, coletores e pescadores, os habitantes dessa época também dominavam técnicas de navegação.



Equipe de pesquisadores realiza escavações na Espanha

Homens da caverna que habitavam a Europa cerca de 800 mil anos atrás praticavam o canibalismo de forma rotineira, sugere um novo estudo sobre o assunto.

Uma análise de ossos fossilizados na Espanha mostra que o canibalismo fazia parte da rotina dos primeiros humanos que habitaram a Europa. Os ossos analisados foram encontrados na caverna de Gran Dolina, na Espanha, e mostra sinais de cortes e outras marcas que foram feitas por ferramentas primitivas de pedra. Entre os ossos de bisões, veados, carneiros selvagens e outros animais, os cientistas descobriram os restos de pelo menos 11 crianças e adolescentes humanos.

Os ossos mostravam sinais de esmagamento e evidências apontam que os cérebros das vítimas também eram comidos, segundo estudo publicado na edição de agosto da revista científica *Current Anthropology*. De acordo com José Maria Bermúdez de Castro, autor do estudo, marcas sobre a base do crânio também indicam que os seres humanos teriam sido decapitados, mas o fato de os ossos humanos terem sido descartados juntos aos de outros animais sugere que não houve significância religiosa na prática.

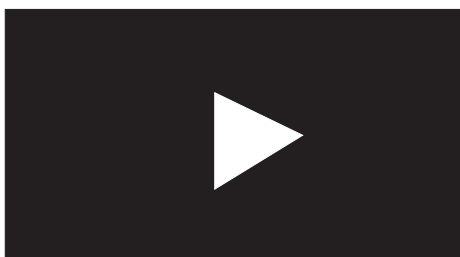
Os cientistas do Centro Nacional de Pesquisa da Evolução Humana de Burgos, na Espanha, acreditam que os homens da caverna comiam outros humanos para satisfazer suas necessidades nutricionais e para controlar a população de tribos inimigas. Atacar os jovens e crianças, menos capazes de se defender, "representava um risco menor para os caçadores e seria mais eficaz na estratégia de controlar a população de tribos rivais", explica Bermúdez de Castro à *National Geographic*.

Os ossos de seres humanos que foram vítimas de canibalismo se estendem por um período de cerca de cem mil anos, indicando que a prática não era apenas limitada a momentos em que a comida era escassa.

Globo.com

MONASTÉRIO DE GEGHARD

O Monastério de Geghard, na Província de Kotyakh, Armênia, foi parcialmente esculpido a mão nas Montanhas de Basalto. Por isso, inicialmente recebeu o nome Mosteiro da Caverna. O local foi fundado no Século IV.



CHINÊS VIRA "HOMEM DAS CAVERNAS"

Os brasileiros vão entender bem o que levou o mineiro aposentado Chen Xinnian a voltar no tempo e se tornar um "homem das cavernas".

O chinês decidiu construir sua nova casa seis metros abaixo do chão para se livrar de pagar impostos. Xinnian queria viver em uma casa maior, mas não queria gastar dinheiro. Se ele juntasse suas economias e comprasse uma casa maior, os tributos do novo imóvel seriam muito altos.

Então, há quatro anos, ele colocou em prática sua experiência profissional cavando uma espécie de túnel embaixo de sua casa. Assim ele conseguiu mais espaço sem ter que pagar mais. A caverna é bem maior do que a casa anterior do chinês e, apesar da escuridão, a família de Xinnian está gostando da novidade. «Costumo cantar e dançar com minha esposa no subsolo. É muito legal lá embaixo. Tenho duas filhas que brigam para ver quem vai dormir no subsolo».

Outra vantagem da nova casa é a segurança: a caverna pode resistir até a um terremoto.

Noticias.r7.com

ESCAVAÇÃO EM PAINS REVELA DESCOBERTA DE DOIS SEPULTAMENTOS INDÍGENAS

O Município de Pains (MG) conhecido pela diversidade de cavernas e um número impressionante de sítios arqueológicos está passando por mais um momento histórico. O Museu Arqueológico do Carste do Alto São Francisco (MAC) está realizando sua primeira escavação oficial. O trabalho revelou a descoberta de dois sepultamentos indígenas, que podem ter de 3 a 8 mil anos, o que será apurado no laboratório.

A equipe coordenada pelo Curador do MAC e doutorando pela Universidade de São Paulo (USP), Gilmar Henriques Pinheiro Júnior, mais dois arqueólogos também pela USP, um doutorando e uma mestre além de uma acadêmica em história pela Fundação Educacional de Divinópolis (FUNEDI) e um auxiliar de pesquisas do MAC já retirou um dos achados, que foi levado para o Museu Arqueológico onde será preparado para compor o acervo.

De acordo com Henriques, o sítio arqueológico que estava sendo tragado devido ao impacto de uma dolina, parece ter sido usado como ritual de sepultamento triplo. "É impressionante como se vê nitidamente o corpo deitado", explica o arqueólogo que pesquisa a região há mais de dez anos.

Fonte: ASSCOM - Pains

TALHERES DESCARTÁVEIS

Arqueólogos da Universidade de Tel Aviv, Israel, encontraram talheres descartáveis em escavação em uma caverna próxima a capital israelense.

Os objetos, estima-se, têm idade aproximada de 200 mil anos. As informações são da agência AP

É possível que sejam os objetos com função de faca mais antigos já encontrados. Seu formato lembra o de uma palheta usada pra tocar guitarra.

Os arqueólogos acreditam que eram usadas para cortar a carne, pois foram encontradas próximas a ossos. Estes ossos foram usados para calcular a idade dos objetos.

As facas eram descartáveis, segundo os arqueólogos, pois passavam a não estar afiadas. Além disso, eram feitas por material reciclado, com partes de outros materiais maiores, que serviam para caçar animais.

ANTROPÓLOGOS ENCONTRAM RESTOS DO MAIS ANTIGO BANQUETE



Caverna de Hilazon Tachtit, em Israel, local em que foram encontrados sinais de banquete e funeral de 12 mil anos

Michael Marshall (da New Scientist)

A descoberta dos cascos mostra que banquetes ocorreram 2.500 anos mais cedo que pensado anteriormente, em um estágio decisivo na transição da vida de caça e coleta nômade para a de agricultura. Os restos do banquete foram encontrados na caverna de Hilazon Tachtit, em Israel, por Natalie Munro, da Universidade de Connecticut, e Leore Grosman, da Universidade Judaica em Jerusalém.

Na área destinada para enterros, estão os ossos de 28 pessoas. As cascas de tartarugas foram enterradas em um poço de 12 mil anos,

fechada com uma laje calcárea, junto com o corpo de uma mulher idosa. "Ela tinha muitos problemas de saúde e provavelmente mancava", diz Munro. "Ela foi enterrada com uma coleção de estranhas partes animais, como a pélvis de um leopardo."

Estes itens foram provavelmente símbolos de status e podem indicar que ela eram uma xamã --sacerdote com atribuídos poderes sobrenaturais em transe. Munro acredita que as tartarugas foram comidas durante o funeral da mulher. Em um segundo poço da mesma época, os pesquisadores encontraram outro enterro, este acompanhado pelos ossos de três animais de gado selvagem. Isto indica que podem ter ocorrido dois banquetes de funeral separados.

Na época, a região era habitada pelo povo natufiano, que estava começando a se estabelecer em comunidades fixas. "De repente, você tem centenas de pessoas vivendo no mesmo lugar pela maior parte do tempo, e que trabalha com atrito de objetos", diz Alan Simmons, da Universidade de Nevada, Las Vegas.

Banquetes podem ter ajudado os indivíduos a suavizar as coisas e juntar as comunidades, diz ele. Entretanto, o arqueólogo Brian Hayden, da Universidade Fraser, em Burnaby, Colúmbia Britânica, Canadá, argumenta que banquetes tendem a ser usados por líderes políticos para consolidar seu poder. "Eles convertem o alimento excedente em coisas úteis, como débitos e suporte político", diz ele.

A pesquisa foi divulgada no periódico "PNAS" (Proceedings of the National Academy of Sciences).

Foto da leitor

MACIÇO DE CERCA GRANDE, MATOZINHOS, MINAS GERAIS



Prof. Dr. Altino Caldeira Barbosa

**VENHA PARA
O MUNDO DAS
CAVERNAS**

Filie-se à SBE

Sociedade Brasileira de Espeleologia



Clique aqui para
saber como se tornar
sócio da SBE

Tel. (19) 3296-5421

Filiada à



União Internacional
de Espeleologia



FEALC-Federação Espeleológica
da América Latina e Caribe

Antes de imprimir
pense na sua
responsabilidade
com o meio
ambiente

EXPEDIENTE

SBE *Antropoespeleologia* é uma publicação eletrônica da

SBE - Sociedade Brasileira de Espeleologia.

Telefone/fax. (19) 3296-5421. Contato: historia@sbe.com.br

Comissão Editorial: Luiz Eduardo P. Travassos (Coordenador),
Isabela Dalle Varela e Rose Lane Guimarães.

Revisão: Delci Kimie Ishida

Todas as edições estão disponíveis em www.sbe.com.br

A reprodução deste é permitida, desde que citada a fonte.